

Chia KMK

CASTIÇAL DE CHEIRO À SOL



COLECÇÃO UÍKI



Chia KMK, Pseudónimo literário de Carlos Alberto Cardoso, Docente Universitário, Licenciado em Ciências de Educação, opção: Filosofia. Mestre em Teoria e Desenvolvimento Curricular, pela Universidade Agostinho Neto. Membro Fundador da Brigada Jovem de Literatura de Angola.

Obras Publicadas em poesia pela BJLA/Huíla , Coleção UÍKI:

- * Ficado no Meu Querer, 1990
- * No Reboiço das Águas, 2000
- * A Última Gota de Sono, 2000
- * Marca Úbere de Sol, 2004

Consta das Antologias Poético-Prosaicas:

- * Raízes do Crivo, 1989
- * Tanga de Peles, 1995
- * Cânticos Isolados, 1996
- * O Sabor Pegadiço das Impressões Labiais, 2003.



CASTIÇAL DE CHEIRO À SOL

Copyright © 2010, by Chia KMK

Título: Castiçal de Cheiro à Sol

Capa: Kissanga

Revisão

Mangel Faria

Design Gráfico e Impressão

SOPOL, SA – Av. Deolinda Rodrigues n.º 371

Depósito Legal n.º 5075/010

Tiragem

1000 Exemplares

1ª Edição: Lubango, 2010

Colecção: Uíki n.º 26

Todos os direitos desta edição à BJLA/ Huíla

E-mail do autor: carloscardosochia@yahoo.com.br

CASTIÇAL DE CHEIRO À SOL

Brigada Jovem de Literatura de Angola

Agradecimentos
Dedicatória
Prefácio
òvA, Nem Aroma Nem Cor
Um Castiçal de Cheiro à Sol
Renovação das coisas
À Favor dos Miúdos
A Lua Veio do Norte
Policromos
Afago de Vento
Mãe
Cada Íris Posta em Vida
À Memória Única
Se te Alivia o Coração
Vespertino Dominical
Tapete de Vermelho Que Luzia
De Mãos Dadas
Um Chão de Mudanças Fenotípicas
Ruído Machuca
Saudação Amorosa do Pó de Terra
Improviso Para a Tia Papucha
Redor Envolto de Montanha
Olhar Pra ti, Jogos de Outrora
Melodia que se Deposita no ar
Estiolado Sonho
Flocos de Afectos
Raios Infra-Vermelhos e Ultra-Violetas

Cântico de Amor
Uma Hora, Meus Olhos
Comunhão de Braços e Sorrisos
Correcção dos Passos
Olhos de Luz
Chegar ao Fim do Sinal
Noite Na Sanzala
Longe de Mágoas
Paisagem de Um Momento Singular
No Fio Suculento do Olhar
Um Cálice
O Sonho de Uma Rosa
Palavras Ditas e Desditas
De Sabor a Mel
Tornada Pele Ruim
Instrumental Som na Fogueira Familiar Dum Dia de Natal
Rabisca Um Poema na Sobeja Fogueira
Águas Secas Deste Mar Húmido
O Prazer de Sentir as Coisas
Paisagem Sombria
A Voz Que Não se Cala
Baluarte
Zénite e Esperança
A Construção da Melodia
O Declive
O Que Vai à Alma e Dói
Aurora Fria do Clamor

Agradecimentos

À Deus, pela orientação de sapiência a este nível.

À toda família de escritores que que na Huila e em toda Angola tem feito a paigem do testemunho artistico para a afirmação da cultura e dos homens e mulheres de cultura auxiliando assim as gerações seguintes a toarem posse de um merecido dispositivo artítico e intelectual.

Aos professionsinsini dos diversos sectores que duma forma incansável e eficaz têm feito os formatos, os estilos e os acabamentos das obras que os leitores se apropriam.

Aos leitores e críticos dos diversos níveis que, com a sua contribuição, purificam os passos seguintes dos escritores.

Aos artitas das diversas áreas que num esforço de união têm sabido assumir o seu papel de porta-vozes da mensagem cultural.

À Fábrica Preciosa que muito hábil e responsabilmente tem sabido ser a patrocinadora real do movimento letrista, tornando possível a sua catapulta ao nível da região, do País e do mundo.

CHIA-KMK



Dedicatória

À todos os artistas profissionais, amadore e amantes de arte para que o mundo, que é uma obra de arte, possa, por eles, ser continuado.

CHIA-KMK



Prefácio

Cumplicidade no ritmo, nos traços e laços de amor

O escritor, deve entranhar, no âmbito de suas potencialidades criativas, a estética seriada na profunda reflexão da beleza que se queira do poético. Chia KMK explora bem os seus prazeres, o seu olha de sentido do mundo que o rodeia, sobretudo quando se deve mexer às confissões cáusticas e ao algar de que, por vezes, se afloram lauto nas circunstâncias de inspiração emotivas.

A poesia emite do sentido estético traços e laços expressivos de vivências que vão obviamente despertar consciências, daí convincente de tais propósitos, Chia apresenta-nos a gaiola identitária da sua criação verbal que se constrói de afectos profundos. Esta grelha de pensamentos está alicerçada na legitimação estética que nos apresenta neste álbum, nesta tela de sua narratologia poética traçando a trajectória de uma linguagem de arte como uma descrença filosófica da linguagem científica na perspectiva da mudança paradigmática do universo canónico das relações dialógicas para enaltecer, da criação verbal, os cânones dum simbolismo poético que representa o liberalismo sequencial da promoção axiomática da palavra que encanta a alma.

Como Maria João Chipalavela escreve sobre este poeta "Nas entrelinhas da poesia, palavra, sonhos, alegrias e tristezas manifestam-se vivências de um encanto na escrita do poeta.

Castiçal de Cheiro à Sol escrito por Chia KMK é a combinação do canto das palavras que nos embala à figura é a fantasia nas delícias como a água do rio que escorre num mundo silencioso do seu canto nas pedras da Huíla. Uma contribuição à liberdade dos jogos que constroem nas palavras a paz da maravilha humana que só se identifica com sonhadores poéticos".

No labor fragmentário da palavra gerenciada para o poético há laços e traços de ternura que se projectam suavemente na alma. Com uma beleza extraordinária, como da figuração, de que uma mulher com "Olhos de luz vendo a penumbra/ do corpo movente que seduz" e paradigmaticamente "No zénite - onde - um vasto céu tragando a lua", se constrói um universo singular de ternura, precisamente "no seu azul gigante" aonde vão ou estão " aí donzelas sorrindo/ com as linhas da Zebra" são projecções que fazem bem à alma.

Vivenciar o mundo através da criação verbal é, sobremaneira, empreitada de essência intelectual e simultaneamente corporal, da interpretação de Jean-Claude Brisville pois escreve que "A criação é uma disciplina intelectual e corporal", porque espelha estilização, paradoxos conceptuais e daí transporta à alma conexões diversas como a da luz com a escuridão, da noite com o dia, da vida com a morte, do calor com o frio, do belo com o feio, da alegria com a tristeza, da dor e do ódio com a paz, enfim de modo a que o valor artístico se torne do universo analítico do estético, sensíveis manifestações paradoxais na condição maior dos afectos à volta desse labor.

Dos sonhos e fantasias de Chia se propalam afectos de vivências, pontuais; alegrias, ciúmes, medos, coragem, amor, prazer, dor ou tristeza, enfim que vão certamente encaminhar toda tendência poética circunscrita em Castiçal de Cheiro à Sol.

A macerada face da mulher, na poesia de Chia é guardada com todo sentido de responsabilidade, na semelhança à hóstia que se tomado momento adequado à liturgia comungante da religião católica. Em que culpas e pecados advogam uma caminhada, sentido reservado de, si para salvaguardar da linguagem polissémica a que se propôs.

Se sente, ó mulher, da visão plástica que se agrega da compreensão do sentido estético "A beleza que se destrança com o teu andar". E a beleza da majestade proponente pelo sujeito de enunciação "é um pisar de sol", como brilha no instante e, por outro, "é um apagar de lua" quando tudo já se condensa da compreensão mútua que permite, obviamente, a ligação identitária do jogo convocado de prazer, já que ela "Nasceu como as estrelas" visíveis no firmamento, fundamentalmente à noite, "e brilha no ar" e esconde sua faceta – a estrela, ou a donzela – durante o dia quando o único astro que governa os espaços energéticos é o Sol; estrela especial como o olhar singular da mulher em Raios Infra-Vermelhos e Ultra-Violetas

Estou ao sol
na abóbada triturando no ego
as movimentações celestiais
embebendo em mim
os infra-vermelhos e ultra-violetas
continuamente como os maus animais

estou ao sol
sem tecto
sem eco
somente ao sol
com esperança
e lutando como os bons Samurais

entre vários estádios psicológicos que o sujeito poético ensina, conta uma preocupação premente, uma aflição que se exterioriza da enunciação; a exortação metafórica e dos caminhos percorridos e por que não de percorrer outros. São trânsitos numa espécie de desolação onde os valores da cultura mais profunda procuram uma constância de partilha para a assunção. Neste Castiçal de Cheiro à Sol, representam-se sensações de açaime, porém também consta marcas de sonhos felizes porque o sujeito anuncia, e porque se verga para se libertar das amarras na perspectiva de um futuro esplêndido, porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação, Timóteo 1:7.

Em busca de um novo castiçal prefiro detectar melodias precisas ou o lugar que se identifica "Nos dedos do meu solo ao lado da harmonia/ maravilham de palmas os presentes sem consolo" para o orgulho de todo o prazer de uma sonoridade penetrante dos kassav, por ser "um novo lançamento, conteúdo explorado/ simbiose formal, um belo talento".

E suave é como se dirige o poeta à majestade, parecendo possuir todas as flores para o simbolismo de caracterização penetrante para o homem;

A beleza que se estrança com o teu andar
é um pisar de sol
apagar de lua
que nasceu como as estrelas
e brilha no ar
vencendo a linha que fina do horizonte
e diz que está no-seu-devido-lugar

Toma-se a propagação da responsabilidade da criação verbal individual, somente possível a partir do olhar atento às palavras protegidas por eméritas metáforas, e dentro da diversidade temática com a infinitude interior, que se exterioriza da tranquilidade espiritual dos homens. Sendo assim o jogo dos espelhos em análise se funde nas lágrimas por um sentimento profundo de pesar, quando os olhos se dimensionam na beleza das águas do mar resgatadas para exprimir a beleza da mulher, e o belo que enaltece o universo das relações dialógicas dentro do sentido estético da cândida vibração das emoções são ecos de amor.

Luanda, 04 a 05 de Julho de 2010

Akiz Neto

òvA, Nem Aroma Nem Cor

Abriu-se a janela para mim
mas na lufada, nada havia naquela tela

abriu-se a porta mas na redondeza do vento
não há sol que brota

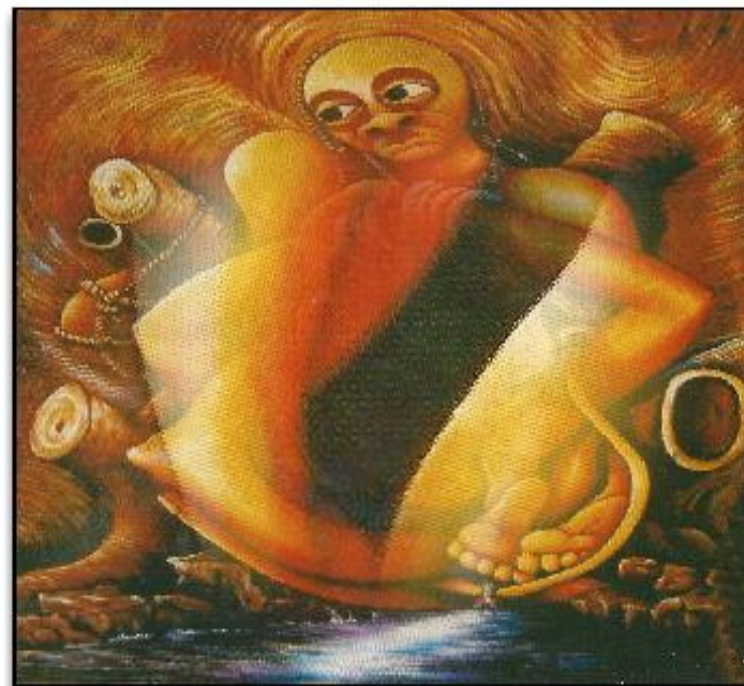
abriram-se os portões de par em par
o mundo à descoberta
mas as rosas fechadas eram só botões

nem aroma nem cor
só espinhos atravessando o fígado
e o sabor azedo do caldo que se entorna

Um Castiçal de Cheiro à Sol

Nós com as mentes agrilhoadas
insuperáveis, cansados de folhear o ar
desesperados sem ter o sol,
cobardemente amaldiçoados no ancestral
impedidos de culminar a viagem
esgotados pelo nervo manso e fraco e diminuto
e sem jeito e sem bagagem... somos nós esses
cuja energia é boicotada pelo veto ínfimo
malicioso, poderoso e determinante mesmo com preces

sobre nós o olhar penetrante, a náusea
a piedade mesquinha a paixão, a caridade tacanha
o desprezo e a desvinculação pudera
um castiçal de cheiro à sol, tronco frágil de vento
quebrado o gelo da noite e dando vida
à liberdade dum amanhecer sempre desigual



Renovação das coisas

Vou começar tudo de novo
mudar os olhos e as mãos
renovar os pés e a barriga...
pôr no ovo



À Favor dos Miúdos

Minha terra leal, harmonia e justiça
com um braço apertado aos descendentes
ternura no caminho

os pés estão descalços à sombra da laranjeira
um aroma que vem do chão
rico
com esperança plantada ontem à favor dos miúdos
que jogam a bola à volta do kimbo
minha terra pequena, sul e norte...
noite



A Lua Veio do Norte

A lua veio do norte e fez ângulo giro
entre mim e a sombra comprida como archote
voltei o rosto à explicação subterrânea
e vi olhos torturados com tanto sangue amontoado
pedi então permissão para estudar a lua de perto
colocado no meu posto



Policromos

á Belita

as cartas que iam e vinham diziam coisas secretas
escrevias com vontade e eu lia com prazer
verdadeiro filete de amor que só tu sabias fazer
com palavras que te vinham do coração
mas o fluir ameno da nossa juventude
foi interceptado pelas intempéries policromas
que então se impunham,
foi por isso que mudei de atitude

Mãe

Mãe
deixa-me soletrar um sorriso feito seu
sem par e construir no nosso meio um paraíso
a natureza distante esforçou-se no seu seio
brotando águas e sítios de trevas
apartando-se das criaturas demoníacas
para me dizer entre lábios uma constante

Mãe
o fervor que me invade e a ânsia por te ver
Logo que cesse a tempestade



Cada Íris Posta em Vida

Escalda o tempo na abobada
o vermelho dum som reluzente
embutido no epicentro dum tumulto
carregando de negro cada íris posta em vida

ambiente tórrido na arena vazante
e uns pés tão nus no púlpito

À Memória Única

À memória dos que ficaram no avião da Maboque

Ficamos com o pesar exposto
por não se ter tido Morena
boa aterragem e com eles...
ia o Peixoto em graça

Se te Alivia o Coração

Se te alivia o coração
a audição do sussurro em voz de gigante...
eu também quero pão



Vespertino Dominical

Isolado num vespertino dominical
sobre boi em pele deitado...
segurando bonança, martelando coração
baladas
festaça
dia quente chuva no horizonte
um homem só cogita amargurado
quando pode mudar o maldito ambiente
que faz tanto tempo começar

Tapete de Vermelho Que Luzia

Dos pés de natureza trémulos
puxaram o tapete de vermelho que luzia
rasgou-se o pano, partiu-se a bengala
acabaram-se os passos do queixo sem suporte
os olhos negam-se e sorrir
e os dentes olham o exterior
tudo virou ninguém a pessoa em nada
neste deserto imenso e infecundo



De Mãos Dadas

Mãos dadas no porte dos montes
abraçados com pompas em saudades
somos irmãos, findem as noites, os canhões
e os galões, vamos dar as mãos

para quê mandar tanto
se os que obedecem
fazem-no por medo de ficar sem pé?

Um Chão de Mudanças Fenotípicas



Para lá do rio encontram-se curvas
os da terra magoados por estar insólito
as peugadas deixadas com água
pés e braços daqueles que são
palavras enzimáticas
plantadas num chão da mudança fenotípica

um rio que muda águas
para transbordar em minhas mãos
pela vigésima nona vez



Ruído Machuca

O ruído machuca o néscio
pousado na alvorada de cabeça e mãos
pesquisando o concreto
Real... e com nexo

Saudação Amorosa do Pó de Terra

Eu sou aquele de tanga em teu pano
não nasci
não sou mundano
apareci estou em crescimento e nunca perdi
nas saudações e desperto
Vaakhetu!



Improviso Para a Tia Papucha

Os que entram e se retiram
irradiam movimento e aos que passam
trazem a renovação dúctil inscrita
na melodia amena dos que cantam

é ir e vir
é ter e sorrir
os abraços – kandandus –
se apertam
dão nome e suavizam operações de continuidade
em traços de comandos

é o que há-de vir
consagrado no sorriso e na esperança
de um novo amanhecer
para a vida angélica, colorir

Redor Envolto de Montanha

Volta ao redor envolto de montanha
no horizonte anelado, e tu aí nessa buraco apertado
encafuando um ser cuja voz seria o néctar
para encher estes favos

Windhoek
que ciúmes
os teus

Windhoek 20.09.1990

Olhar Pra ti, Jogos de Outrora

Olha pra ti, a olhar pra mim
no momento em que me lembro
amargurado do tempo que passou
e das inocências que cometi

agora tudo nos teus olhos
pergunta singela sobre jogos de outrora

Melodia que se Deposita no ar

Aos Kassav



Nos dedos do meu solo, ao lado da harmonia
maravilha de palmas os presentes sem consolo

Banda da inspiração trazendo veludo com as vestes
Jerusalém aos pés descalçados da minha nação

é um novo lançamento, conteúdo explorado
simbiose formal, um belo talento



Estiolado Sonho

À memória do amigo Tedy

Coitados nós com a dor de tant'asas nos olhos
traço d'aviação retrata a figura
o pulsar de um coração
e a sóis mergulhados no vento
e saudade
e pranto
e raiva
e constrangimento
e o sol no meio do tecto olhando p'ra nós

Flocos de Afectos

Flocos de afecto no ar
meu coração doente e maltratado
nu e concreta
- não o vês bem em mim a expressão justa
de te adorar assim como és?

Está o bem a teu lado
nos dias próspero de cacimbo
e se me procurares te acharei
e se dará o que se tem



Raios Infra-Vermelhos e Ultra-Violetas

Estou ao sol
na abóbada triturando no ego
as movimentações celestiais
embebendo em mim
os infra-vermelhos e ultra-violetas
continuamente como os maus animais

estou ao sol
sem tecto
sem eco
somente ao sol
com esperança
e lutando como os bons Samurais

Cântico de Amor

Jerusalém
Jerusalém
tu além
e eu aquém

recebeste com desdém
aquele que por bem
nascera em Belém
Jerusalém para dois és a capital
Envaideceste-te mas eu sei que não estás bem

Uma Hora, Meus Olhos

Pêlos separados nos meus olhos
sem paralelos e embaciados
a neblina esvaeceu e se espreguiçam nos arbustos
os insectos, porque o tempo apareceu
a ver(de) flora à luz que desponta
num número de calendário que marca vermelho
o humedecer de uma hora

Comunhão de Braços e Sorrisos

Na comunhão de braços e sorrisos que desabafam
conversas e sonhos para o renovar de esperanças
o matraquear de máquinas estremece a terra rija
o ar se cobre de fúnebre que se mexe denso
e amotinado para além alguém enjaular as narinas

estou aqui de pé com o sol brilhante entre os olhos
livre e genuíno num país belo
que veio com alguém do Maquis
e eu a ver o quê?

Correcção dos Passos

Não não é isto o que queres saber
pensa no acordo que fizemos
e vê se tens feito como prometeste
se tiveres dúvidas volte no tempo
a no presente... corrija os passos
reconsidera os factos e se eu a falhar
coloca-me carinhosamente sob atenção
e depois trocamos as mãos

Olhos de Luz

Olhos de luz vendo a penumbra
do corpo movente que seduz
o significado dos homens no auxílio duma desgraça
abre-se de semblante e balbucia seus nomes
descobre o apetite, aconchega-se e se desfaz num apetite



Chegar ao Fim do Sinal

Deixar de fazer não é ter feito
chegar ao fim
é senti-lo em prazer
amar e deixar não amar
amar é nele caprichar
amar só o é no comum, fora ou sem este
aquele é nada, vegeta-se no jejum



Noite Na Sanzala

Deixaram sobre(a)mesa todos ossos
dum jantar de tanta despesa
a chuva de dentro molhava a escuridão
mexida de ar, apagando-se a ponta de cigarro
na mesinha de centro

a família achava-se nua entreolhando-se
de soslaio para indicar o homem certo que ficaria de vigília



Longe de Mágoas

À Nina

Digo-te como foi a noite
e sem demora sonho abraçar-te
durante a escuridão
ficaste em minha cabeça a vomitar de mim
e de coisas do coração, na baliza rebolei
e encontrei em ti o ideal e tu o que desliza
não te quero magoar mas se me não entendes
me afago... e fico a chorar

Paisagem de Um Momento Singular

O tempo desgasta as rochas... e os espaços
mas no ondular das águas sobrevivem tochas
a inocente mola sem maquete
embeleza a existência e o valor do nosso mundo
que anima e está na moda, na penumbra da distância
estrela em suspense esperam pelo momento singular
da reciprocidade quando as sombras frias e nuas
obscurecem os traços carnudos da tua saliência



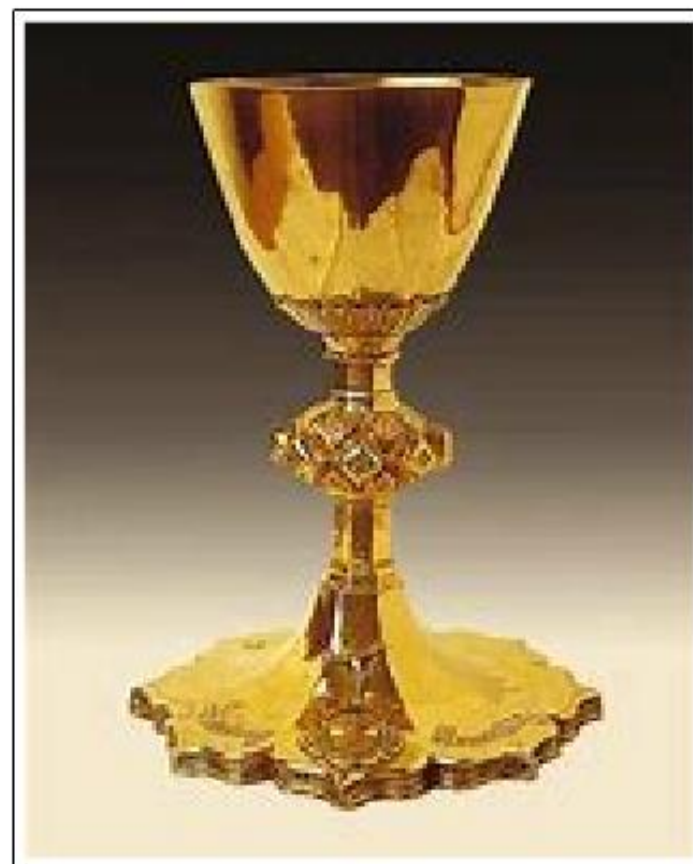
No Fio Suculento do Olhar

Salomé traduzi minhas pegadas
no cimento das rizadas
e no fio suculento das tuas olhadas
machuquei-me com a esperança até ao tambor
do desperdício
estaquei a fala, obstruí a linguagem
para o teu benefício, para minha ruína
tu estás aqui incomodativa como a urina
somos diferentes quando falamos e fingimos estar...

Um Cálice

à Branca

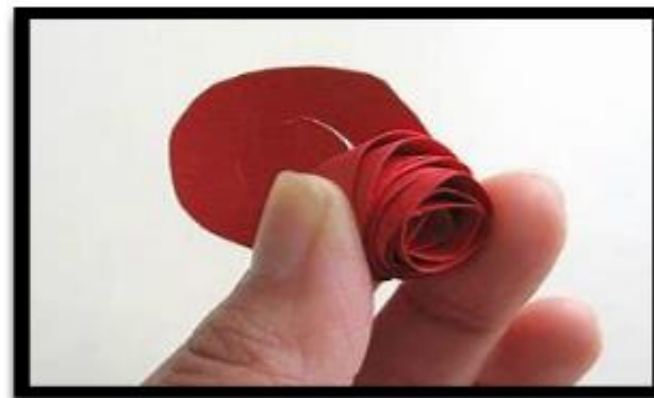
Um cálice entornado a meus pés
na hora da seca com o chão magoado
um passeio por obter um capricho
a acalantar numa rota de poder
como se não ganhou
tudo se perdeu, então ... chorou



O Sonho de Uma Rosa



Encontrei um olhar, raio de sol
delícia no luar, alívio gostoso paladar
livre e simples seu natal memorável sem pikles
ver cada traço, corpo brando traçar meu caminho
num sonho Rosa que faço
à realidade justo e igual
reencontrar tudo numa saudade
esperar e obter a força do tempo em cada espaço
bem para mim, liquidar este cansaço na hora
de pronunciar teu nome lindo
na adjacência do teu coração ... e apertar



Palavras Ditas e Desditas

à memória de Maria do Rosário 'Tinha'

Caíram todas no esquecimento de branco
as efemérides das felicidades memórias
que caracterizam nossas vidas
deixadas num momento
somente traços, hoje que o teu ser
experimentam representar, se divisam nos esboços
então o transbordar da saudade apertada
anos sem conta nem fim neste peito frágil
que desmontam com um não
são os meus sentimentos no silêncio
quando conheço o amor fazendo elo entre nós...
e me desfaço em prantos

De Sabor a Mel

Um raio cortante passou o anel multicolor
rasgando a noite
embelezou tua mão
clareou a terra e iluminou teu coração
cega teus olhos, aliena teu ser e se precipita
silenciosamente na abrupta vertente
orvalha... de sabor a mel

Tornada Pele Ruim

Debaixo de mim está o sangrante tubérculo
sem cova escura tornada pele ruim
semblante sofredor
dum viver moribundo em surdo clamor



Instrumental Som na Fogueira Familiar Dum Dia de Natal

Para Luis 'Cabo Verde'

Morais soprista, músico, gritos memoriais
maestro clássico e show, um
sopro a descer
do troço de um astro, instrumental som
recordar a roda na fogueira familiar no dia de Natal
luta e mar, cantar e cantar
alegria e choro na íris da crioula
abraçar a nova aurora triunfal... que se escuta

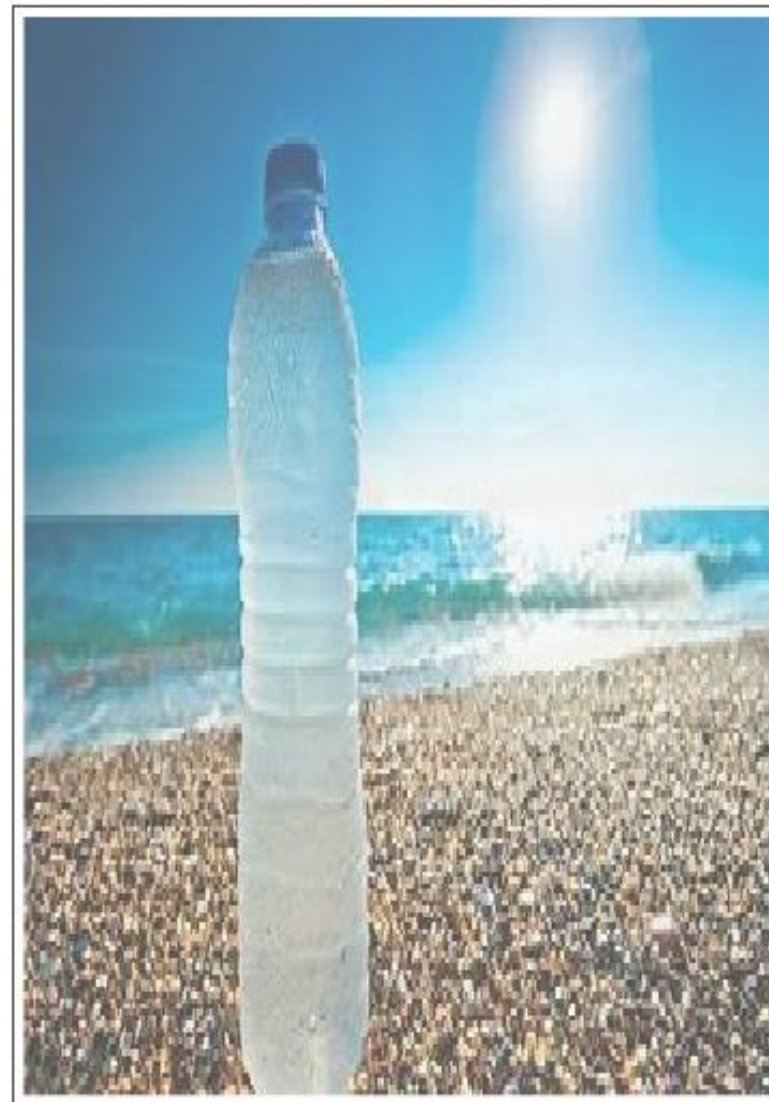


Rabisca Um Poema na Sobeja Fogueira

No entretanto refluir das pedras sobrepostas
divisa-se um amanhecer da penumbra
pelo foco mirabolante que vem do luzir rubicundo
da pena de um poeta qualquer logo pela manhã
ao contemplar o sobejo da fogueira acesa no vespertino
rabisca um poema e sem se dar conta começa a florir

Águas Secas Deste Mar Húmido

as terras se esquivam sob o peso da massa
em deambular em tua busca pra te amar
movimentos cardíacos num ritmo de assobio
e o tempo parou a contar as águas secas
deste mar húmido e nu que te está em vulcão



O Prazer de Sentir as Coisas

peças sobressalentes nesta oficina do unIVERSO
lubriFICAM o arreGANHAR das dentífricas roldanas
com o requebros PENetrantes
concretiza-se o desejo, é um momento de relíquia
que devora o stress, o luar e o céu fazem um pAR
que obsERVA silenciosAMENTE
a vontade ardente de repetires o que aconteceu

Paisagem Sombria

Recordação e agradecimento à Irmã Izulina 'Oshakati'

Ruim como a fome
já é morto
pena ter vida, não fosse...
para estar em putrefacção
que tem no nome



A Voz Que Não se Cala

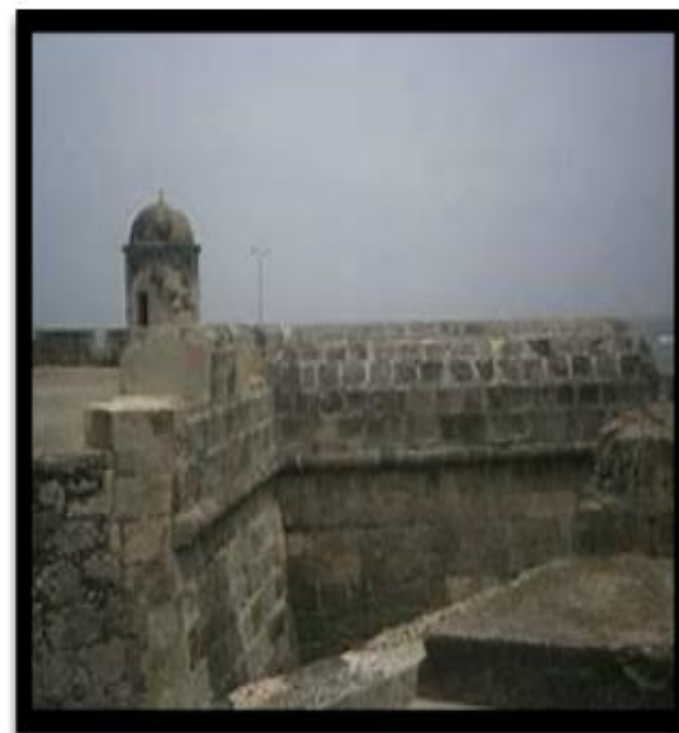
à memória do poeta Agostinho Neto

Ensaiai comigo a nota de uma certeza
no arranha-céus íngreme do adeus a um a um
amigo o novo cântico com o farfalho de uma poesia
que separa amorosamente o choro de um castigo

fazei ecos um novo gritar, lúcido e livre
de uma paz trazida ao kimbo deste povo

Baluarte

Este é o suporte, rocha una, coesa e mãe
qualitativamente progressiva e indestrutível
mas não é do norte
trago-a a mim unido no homem
com olhos da humanidade desvendando enigmas...
quebrando caprichos... e o que é ruim
este é o homem que pisa no presente
e faz futuro com as mãos...
pró coração e desperta os que Dormem



Zénite e Esperança

no zénite um vasto céu tragando a lua
no seu azul gigante
aí donzelas sorrindo com as linhas da Zebra
nas mãos da Pacaça enquanto Avestruzes debicavam
sem ver os olhos de Lebre sob o rugir dos Leões
bebendo ali
tanta fumaça do lado das Rolas nadando no lodo preto
do Oceano pisoteando as salinas que aumenta a desgraça
confiança... diz-se que ela é eterna... a esperança

A Construção da Melodia

Atrás da noite sempre vem o dia
e desaparece a morte
na selecção do dia fiz o que podia
para merecer uma pate e fazer melodia



O Declive

A natureza revive, os répteis vão beber
os batráquios se desabrigam
começam as pedras a brilhar
com o rosto seu declive
o chão claro expõe pegadas congeladas
das andanças pretéritas e começa a ser melindrado
com o deambular de gentes na massa
num formigueiro se cruzando, carregando
e descarregando a inflação na rota de um disparo

O Que Vai à Alma e Dói

Chorando aprendi por mim até que o ponto
mesmo de brando
agradar é explicar sendo irmão a existência
e não implorar
quem reage afecta não comete quem ignora
e age
mudar de vida é tê-la diferente na boa saída



Aurora Fria do Clamor

Olhar pró mar o ar vê sozinho no pensamento
prantos transbordantes na aurora fria de clamar
pleno de orvalho, um coração de paixão
com lábios húmidos e mãos curvas
enterradas no escolho



CASTIÇAL DE CHEIRO À SOL

Elaboração: **Carlos Alberto Cardoso (Chia KMK)**

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico e Edição em E-book

Belson Pedro Raimundo Hossi



Músicas:

Arthur de Castro: **Belina**

Bonga: **Camacovie**

Bonga: **Água Rara**

Bonga: **Matutar**

Bonga: **Zé Kitumba**

Sofia Rosa: **Kalumba,**

Sofia Rosa: **Xila Mtunda**

Arthur de Castro: **Merengue**

Sofia Rosa: **Maria Dia Pambala**

Todos os direitos desta obra reservados a
Carlos Alberto Cardoso

Este E-book esta protegido por
leis de direitos autorais na "CPLP" e na "SADC"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSS DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra esta sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exhibir, desde que
seja dado crédito aos autores originais - **Não é**
permitido modificar esta obra, não
pode fazer uso comercial desta obra. Não
pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
pelos textos, músicas e imagens
é exclusivamente do Autor.

Entre vários estádios psicológicos que o sujeito poético ensaia, consta uma preocupação premente, uma aflição que se exterioriza da enunciação; a exortação metafórica e dos caminhos percorridos e por que hão-de percorrer outros. São trânsitos numa espécie de desolação onde os valores da cultura mais profunda procuram uma constância de partilha para a assunção. *Neste Castiçal de Cheiro à Sol*, representam-se sensações de açaimo, porém também constam marcas de sonhos felizes porque o sujeito anuncia, e porque se verga para se libertar das amarras na perspectiva de um futuro esplêndido, *porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação, Timóteo 1:7.*

Akiz Neto

Voltar à Capa

Brigada Jovem de Literatura de Angola/Huíla